

IMPRESSO

CPMTRATP M° 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T **DF** R • A • S

Câmara Legislativa do Distrito Federal  
Ano II - Nº 17 a 20

Suplemento Cultural  
1995



**CORA**

Já faz dez anos...

Antônio Pimentel é advogado e escritor.

Colaborador do DF-LETRAS, Pimentel nos revela neste conto as credences e as superstições do nosso povo do interior. O conto não perde em atualidade, mesmo com o fenômeno das antenas parabólicas espalhadas sertão a fora ainda existem muitas currutelas onde o romãozinho faz das suas.

**N**ós não matamos a nossa mãe, quando a pregamos na cruz! - Nós apenas, demos fim do demônio que tava nela.

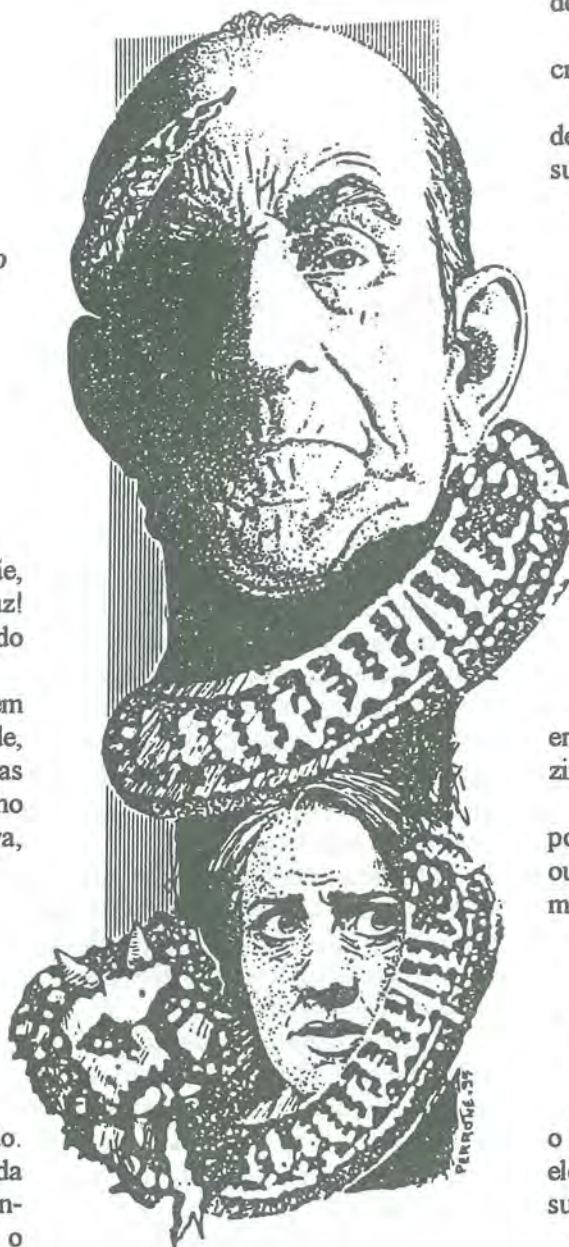
Com este desabafo, e sem perder ao longe o velho cruzeiro, onde, por diversas vezes, servira de lamúrias para as suas crenças sadias, o velho Livino, a contragosto, rememorava, com uma dor no peito e com uma saudade daninha, todos os seus e todas aquelas cenas.

O Velho somente sentia raiva quando alguém mencionava aquelas passagens, ora porque aquilo manchava toda a sua família, empobrecera todos, houve muita prisão, muita judiação. Depois, não existiu pecado em nada daquilo. O preto velho Simão, curandeiro e feiticeiro de fama em todo o sertão da Bahia e de Goiás, não iria mandar fazer alguma coisa que fosse pecado. Ele era muito puro, muito santo, ele falava, todas as noites, com o seu guia.

Dos que participaram dos trabalhos, com a hospedeira do demônio, já existem poucos, uns morreram e outros debandaram para bem longe, numa fuga sem fim.

- São uns covardes. Dizia sempre o seu Livino.

- Num foi pecado não! Foi até bonito. Nós tava todos ao pé do cruzeiro, e ela erguida na cruz com o capeta



# O Crime maldito

■ Antônio Pimentel

debatendo para não sair do corpo dela.

- Você sabe, capeta não gosta de cruz!

De muito, vinha aquela velha, mãe de quinze filhos, sentindo fraqueza em sua cabeça. Já não era mais disposta ao trabalho, ao zelo para com os filhos, com o marido. Não mais tinha prazer em prostrar com a família, ao pé do frondoso abacateiro. Vivia amuada, ora na cozinha, ora no quarto, sempre resmungando, falando palavras sem sentido, tendo prazer nas malvadezas dos outros. Diziam muitos, que tudo aquilo era produto de resguardo-mau curado. Quenada! A mãe dela teve bem mais filhos e morreu sadia, arrumou até a casa no dia da morte. Aquilo era obra de espírito mau, do romãozinho.

- Remédio de loja nada valeu e nem podia servir. Pois somente reza forte ou despacho é que espanta espírito mau!

Ninguém, em toda a redondeza, tinha na lembrança de como o velho Simão aportou por estas bandas. Se foi fuga ou determinação de seu protetor espiritual. Sabiam, apenas, que as sexta-feiras de cada mês o Velho não trabalhava, eram todos eles dedicados aos seus serviços, às suas orações.

- Vinha gente de muito longe para falar com ele, para receber sua bênção. A minha vontade era ser igual ao Velho! Para poder fazer o bem ao povo.

Divagando um pouco, mas sem se apartar das vistas, o velho cruzeiro, seu Livino gabava de beleza que era o recanto onde morava o velho Simão. Da beleza de seu pomar, de suas laranjeiras, jaboticabeiras de fo-

lhas largas, das mangueiras. Tudo limpinho. Varrido até. Mas hoje desprezado, abandonado. Nem boi brabo gosta daquele lugar.

- O povo não presta não, meu filho!

*“Nóis apenas,  
demos fim do  
demônio  
que tava nela”*



- Por onde andará ele hoje?  
O seu Livino só perdia a tranqui-  
lidade, nestes momentos, quando sua  
única filha grunhia lá dentro, batendo  
com uma velha mão de pilão em tudo  
que estivesse em sua frente e ao seu  
redor. Do mesmo modo que a sua  
avó. Só que ela nunca teve filhos.  
Seria falta de homem? Não! Isto é  
arrumação de espírito mau.

- Por onde andará o velho Simão?  
Aquela situação de penúria e de  
aflição já encomodava, por demais, o  
seu Livino. Seus amigos já não mais  
vinham com freqüência em sua casa.  
Tinham medo que alguma desgraça  
pudesse acontecer com eles. A sua



*“Foi só pra tirar o  
capeta de você  
filha. Num é,  
pecado não!”*

vontade maior era de conseguir com-  
panheiros para ajudá-lo na pregação  
da filha no cruzeiro, pois somente  
assim, daria fim no demônio que vol-  
tara a atentar a sua casa. Mas ninguém  
concordava com este tipo de emprei-  
tada. Tinham medo de novas prisões,  
novas judiações. Nem pagando, com  
dias de serviços, eles topavam em  
auxiliá-lo nesta tarefa.

- Há meus quarenta anos! Com esta  
idade, eu mesmo fazia o serviço sozi-  
nho. Não precisava de covarde ne-  
nhum. Eles é porque não sabem o que  
é ter o demônio em casa!

- Infeliz, praga do inferno, grunhia a  
filha do seu Livino, você me deu remé-  
dio brabo para eu dormir, para poder  
me amarrar e pregar nesta cruz. Eu  
não sou sua mãe, seu demônio, seu  
escomungado.

Depois de bem pregada, iniciava  
seu Livino, a seu modo, o ritual de  
forma idêntica a usada em sua mãe  
pelo velho Simão. Com a mão de  
pilão, já afeita aos estragos da casa,  
aplicava porretadas em todas as par-  
tes do corpo da filha, de forma violenta,  
não dando margem nenhuma a que  
o espírito mau pudesse permanecer  
em seu lar.

Quando tudo voltara a calma, quan-  
do do último suspiro de sua filha ou da  
fuga do demônio, seu Livino, com a  
alma contrita e com algum sorriso nos  
lábios, dizia:

- Foi só pra tirar o capeta de você  
filha. Num é pecado não!

■ Antônio Pimentel, escritor

# DF-Letras

## A Revista

O  
Grande  
Jornalzinho  
virou uma  
Revista  
pequena,  
mas notável.

ALÔ POETAS, CONTISTAS  
E BELETRISTAS !!!  
VENHAM PARTICIPAR  
DE NOSSAS  
PÁGINAS !!!



DF-Letras  
Suplemento Cultural do Diário da Câmara  
Legislativa do Distrito Federal  
Redação (061) 348 8959